

Desvendando o Tarô do Zero



AULA 2: OS MAIORES MITOS SOBRE O TARÔ

É preciso ter um dom especial para jogar Tarô?

Uma das crenças mais comuns sobre o Tarô é a ideia de que somente algumas pessoas nasceram com o dom de interpretar as cartas. Segundo esse pensamento, seria necessário possuir uma sensibilidade sobrenatural, ter médiuns ou tarólogos na família ou receber algum tipo de chamado extraordinário.

Essa crença pode provocar medo, insegurança e fazer com que muitas pessoas desistam antes mesmo de começar. No entanto, aprender Tarô não depende de um raio de luz, de uma revelação ou de uma capacidade reservada a poucos escolhidos.

Assim como acontece em qualquer outra área, é necessário existir interesse, dedicação, estudo e prática. Medicina, Direito, Arte ou Arquitetura também não são caminhos escolhidos por todas as pessoas. Cada indivíduo possui interesses e habilidades diferentes. O Tarô é para quem sente curiosidade, fascínio e vontade de conhecer esse universo.

O chamado não precisa chegar de maneira sobrenatural. Muitas vezes, ele aparece simplesmente como uma vontade persistente de aprender, comprar um baralho, assistir a uma aula ou descobrir o que as cartas podem revelar.

O Tarô funciona como uma linguagem simbólica. Para interpretá-lo, é necessário aprender seus elementos, entender a estrutura dos arcanos e praticar a combinação de seus significados. É semelhante ao aprendizado da leitura: primeiro conhecemos as letras, depois formamos sílabas, palavras e frases.

A teoria é importante, mas não substitui a experiência. Quanto mais você observa, registra e pratica suas leituras, maior será sua familiaridade com as cartas.

O Tarô funciona sozinho?

Não é o tarólogo que “liga” ou faz o Tarô funcionar. Ao retirar uma carta, ela já está apresentando uma mensagem dentro do sistema simbólico do oráculo. A diferença está na capacidade de interpretar essa mensagem.

Uma pessoa que nunca estudou pode observar uma carta e sentir alguma coisa diante da imagem. Porém, o estudo permite compreender a estrutura do arcano, suas diferentes camadas e sua relação com as demais cartas.

Tarô, mediunidade e espiritualidade

Outro mito muito comum é que a leitura do Tarô depende da comunicação com espíritos. Essa associação acontece porque alguns médiuns utilizam cartas em centros, terreiros ou práticas religiosas.

No entanto, o fato de algumas pessoas unirem o Tarô à mediunidade não significa que essa seja a única maneira de trabalhar com ele.

A leitura pode ser realizada por meio do estudo, da observação dos símbolos, da experiência e da intuição, sem a presença de qualquer entidade espiritual transmitindo mensagens ao tarólogo.

Intuição e mediunidade não são a mesma coisa. A intuição pode ser compreendida como uma percepção que se desenvolve com a prática. Quanto mais exercitamos essa habilidade, mais clara ela pode se tornar. É como um músculo que se fortalece conforme é utilizado.

Já a mediunidade, dentro da definição apresentada nesta aula, envolve a comunicação com um espírito, entidade ou ser desencarnado. Essa comunicação não é uma exigência para interpretar as cartas.

O tarólogo também não precisa adivinhar informações escondidas sobre a vida da pessoa. Seu papel é observar as cartas, interpretar os símbolos e transmitir a mensagem apresentada pelo jogo.

O Tarô pertence a alguma religião?

O Tarô não pertence exclusivamente a uma religião, doutrina ou filosofia. Ele foi construído ao longo dos séculos por meio da contribuição de diferentes pessoas, culturas e correntes de pensamento.

Por isso, não é necessário receber autorização, passar por uma iniciação ou participar de um ritual para começar a estudar. Cada pessoa pode incorporar crenças espirituais ou religiosas à sua prática, mas essa é uma escolha individual. Não é uma regra do Tarô.

A aparência mística de alguns profissionais, seus rituais, vestimentas e formas de apresentação podem contribuir para a sensação de que existe algo secreto ou inacessível nesse conhecimento. Essas escolhas podem valorizar a experiência e expressar a identidade do profissional, mas não são obrigatórias.

O Tarô é uma ferramenta acessível. O que transforma alguém em um bom intérprete não é a aparência ou uma atmosfera misteriosa, mas o conhecimento, a prática, a experiência e a ética.

O Tarô é perigoso?

Filmes, séries e histórias de fantasia frequentemente relacionam oráculos a maldições, forças negativas ou acordos sobrenaturais. Essa representação pode fazer com que algumas pessoas tenham medo de tocar nas cartas ou acreditar que sofrerão algum tipo de consequência espiritual.

Entretanto, o baralho é formado por papel, tinta, imagens e símbolos. Ele não realiza amarrações, não invoca automaticamente espíritos e não estabelece compromissos com entidades.

O Tarô funciona como um mapa ou um espelho. Ele reúne informações sobre emoções, comportamentos, circunstâncias, relacionamentos, influências externas e tendências. Ao interpretar esses elementos, conseguimos compreender melhor para onde uma situação está caminhando.

O instrumento, por si só, não é bom nem ruim. O uso positivo ou negativo depende da pessoa que o utiliza.

Um tarólogo ético pode oferecer clareza, orientação, acolhimento e autoconhecimento. Já uma pessoa mal-intencionada pode usar o medo ou o mistério para manipular e enganar. Nesse caso, o problema não está no Tarô, mas na conduta de quem utiliza a ferramenta.

Assim como ocorre em outras profissões, existem profissionais sérios e pessoas que fazem mau uso do conhecimento. Trabalhar com responsabilidade é o que permite transformar o Tarô em um instrumento de ajuda e orientação.

É necessário ganhar o primeiro baralho?

Também existe a crença de que o primeiro deck precisa ser recebido como presente. Algumas pessoas consideram esse acontecimento uma espécie de sinal ou autorização para começar.

Essa ideia pode estar relacionada a períodos em que determinados conhecimentos eram transmitidos oralmente entre mestres e iniciados. Hoje, porém, não existe nenhuma necessidade de esperar que alguém presenteie você.

Escolher o próprio baralho pode ser uma experiência importante. Existem inúmeros estilos, ilustrações e abordagens simbólicas. Você pode selecionar um deck com o qual se identifique e que facilite sua conexão com as imagens.

O verdadeiro sinal é o seu interesse. Se você sente vontade de estudar, está pesquisando e deseja compreender o Tarô, esse movimento já pode ser considerado o seu chamado.

Destino, livre-arbítrio e prática

Se o Tarô pode mostrar acontecimentos futuros, isso significa que o destino está completamente escrito?

Na abordagem apresentada nesta aula, o futuro não é totalmente fixo, mas também não depende apenas da nossa vontade. Nossas escolhas são influenciadas pela personalidade, pelas emoções, pelos traumas, pelas capacidades, pelas condições materiais e pelas decisões de outras pessoas.

Existem situações que podemos transformar e outras que não estão sob nosso controle. Quando uma decisão depende de alguém, por exemplo, o nosso livre-arbítrio pode estar na maneira como reagimos, e não necessariamente na possibilidade de impedir o acontecimento.

O Tarô apresenta tendências. Ele mostra a direção que estamos seguindo e as possíveis consequências de nossas atitudes. Essa informação permite tomar decisões mais conscientes, modificar comportamentos ou preparar-se para aquilo que não pode ser evitado.

Podemos imaginar o Tarô como um aplicativo de mapas. Enquanto enxergamos apenas a rua que está diante de nós, o mapa observa o trajeto de cima. Ele identifica curvas, caminhos alternativos, obstáculos e cruzamentos.

O mapa não obriga ninguém a seguir uma direção. Ele oferece informações para que possamos escolher o caminho.

Posso jogar Tarô para mim?

Sim. É possível interpretar as cartas para si mesmo, mas esse processo exige método e honestidade.

A ansiedade e o desejo de receber uma determinada resposta podem interferir na interpretação. Por isso, é importante formular perguntas claras, registrar as cartas e evitar repetir a mesma tiragem até aparecer a resposta desejada.

Não existem impedimentos relacionados à gravidez, menstruação, dia da semana ou horário. Cada pessoa pode criar sua própria rotina, mas essas escolhas não são regras universais.